

Ódio e preconceito são obstáculos diários para a população LGBTQIAPN+, especialmente no Brasil, onde 230 pessoas LGBTI foram mortas de forma violenta em 2023.

O que poucos sabem é que o estigma também é capaz de trazer sérios problemas psicológicos

# Um lugar para existir

POR EDUARDO FERNANDES

A palavra “existir”, no dicionário, significa viver ou estar presente. Em um contexto mais profundo, na filosofia, por exemplo, esse conceito representa a ideia de como algo ou alguém se relaciona com o mundo e as pessoas ao seu redor. Isso, de certa forma, parece uma definição simples, mas não para indivíduos que têm suas autenticidades anuladas. Cercada pelo ódio, a população LGBTQIAPN+ enfrenta, todos os dias, os olhares preconceituosos e as violências verbais e físicas, que podem trazer sérios problemas psicológicos e emocionais.

Imagine ser reprimido, simplesmente, por não poder ser quem você é. Poucos sabem, mas o preconceito mata. No Brasil, em 2023, morreram de forma violenta 230 pessoas LGBTI, segundo um dossiê publicado pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTI+, número que corresponde a uma morte a cada 38 horas.

Diante de tantas questões envolvendo esse tema, o Congress on Brain, Behavior and Emotions, que aconteceu em Fortaleza, na semana passada, trouxe a importância do debate sobre a saúde mental em grupos minorizados, como é o caso da população LGBTQIAPN+. Presente na palestra, Saulo Vito Ciasca, médico psiquiatra e professor, destaca a necessidade de respeitar as diversidades, bem como compreender que elas existem.

“Celebrar a diversidade significa celebrar a vida de qualquer pessoa. Para termos uma sociedade justa, igualitária, equitativa, é importante que a gente flexione as próprias crenças e valores. É, ainda, necessário educar a população em relação a esses conceitos. Acredito que a educação é importante e, quando

